

UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS TIPOS DE ERROS ORAIS DE ALUNOS NOVATOS DE LÍNGUA INGLESA—LE*

Thatiany Goularth Carneiro**
Marcia Regina Pawlas Carazzai***

Resumo: O presente artigo reporta os resultados de um estudo que investigou os tipos de erros orais que seis aprendizes de língua inglesa mais cometiam. Para tal, foram gravadas em áudio e transcritas dez aulas de uma turma composta por seis alunos de nível *Novice High*, em uma escola de idiomas no interior do estado do Paraná. Os resultados indicaram que, dos 154 erros identificados, os que mais apareceram foram os Intralinguais, totalizando 141 erros. Os erros Interlinguais apareceram quatorze vezes e os erros ambíguos foram os que menos surgiram – somente uma vez. Finalmente, os erros induzidos apareceram quatro vezes durante as aulas, o que indica que, talvez a professora deva tomar mais cuidado com o modo de apresentar a língua estrangeira aos seus alunos.

Palavras chave: língua inglesa, tipos de erros, ensino, aprendizagem

Abstract: The present article reports on the results of a study that investigated the most common types of oral errors/mistakes some English language students committed. To this end, ten classes were recorded in audio and transcribed. The group observed was composed of six students in Novice High level, at a language school, in the interior of Paraná. The results indicate that, from 154 identified errors/mistakes, the intralingual errors/mistakes were the most recurrent ones, in a total of 141. The interlingual errors/mistakes appeared fourteen times and the ambiguous errors/mistakes were the least common – appearing only once. Finally, the induced errors appeared four times during the classes, which indicates that the teacher could pay more attention to the way she presents the foreign language to her students.

Key words: English language, types of errors/mistakes, teaching, learning

1. Introdução

Conforme Figueiredo (2002), a palavra ‘erro’ estava associada à correção até o início dos anos 60. Porém, conforme o autor aponta, com os trabalhos de Chomsky (1959, apud FIGUEIREDO, 2002) e de Corder (1967, apud FIGUEIREDO, 2002), o erro passa a ser associado à ‘aprendizagem’.

* Artigo escrito em 2007.

** Graduada em Letras-Ingês pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO; Pós Graduada em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira, pelo grupo educacional UNINTER de Laranjeiras do Sul – PR; e professora da Escola de Idiomas Excellent Global® em Laranjeiras do Sul – Paraná.

*** Mestre em Letras-Ingês e Literaturas Correspondentes pela Universidade Federal de Santa Catarina e professora do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

Mais recentemente, Ellis (1998) defende que se enfoque os erros dos alunos, pois é útil que o professor saiba quais tipos de erros seus alunos cometem, para que possa trabalhar nas dificuldades específicas de cada aluno. Com base nessa afirmação, foi desenvolvido um estudo que investigou quais os tipos de erros orais seis aprendizes de inglês como língua estrangeira (LE) mais cometiam.

Esta pesquisa se destina principalmente aos professores que buscam melhorar suas práticas pedagógicas, tendo uma visão positiva dos erros que são cometidos por seus alunos. Ao tomar tal postura, esses professores podem ajudar seus alunos, produzindo o que Brown (1994) chama, em um de seus princípios, de *Language ego*, ou seja, elevar o ego do aluno a ponto de que ele não se sinta constrangido com o erro que comete enquanto está aprendendo, mostrando-lhe que o erro não é uma espécie de fracasso, mas sim, uma parte essencial no processo de aprendizagem. Além disso, o professor pode melhorar o desempenho de seus alunos fazendo com que se auto-corrijam, já que, estando mais abertos para a aprendizagem, podem focar em seus erros e saber como lidar com eles.

O artigo está dividido em seis seções. As seções 2 e 3 trazem uma breve revisão de literatura que embasa este estudo: Figueiredo (2002) e Ellis (1998). A Seção 4 descreve os procedimentos utilizados para coletar os dados e analisá-los, bem como mostra alguns detalhes sobre os participantes da pesquisa. A Seção 5 apresenta e discute os resultados sobre a relação entre os dados coletados e as teorias mencionadas. Por fim, a Seção 6 apresenta as conclusões do estudo, suas limitações e sugestões para próximas pesquisas.

2. Erro: definição e papel na aprendizagem de uma LE

Considerando a perspectiva de Ellis (1998), é interessante estudar o erro por três motivos. Primeiro, porque o erro é uma característica da aprendizagem, o que significa que quando os alunos erram, estão tentando produzir e/ou aprendendo propriamente dito. Segundo, porque quando os alunos cometem erros, é bom que os professores conheçam que tipos de erros são esses, pois assim podem trabalhar na dificuldade específica que seus alunos têm; e tentar explicar o porquê destes erros acontecerem.

Terceiro, porque é possível que ao fazer a correção dos tipo específico de erro, o aluno possa aprender, pois ele pode memorizar a forma correta.

Contudo, vários autores concordam: 'identificar e classificar um erro é uma tarefa nada fácil' (FIGUEIREDO, 2002, p. 47). Segundo Figueiredo (2002), isso se dá por sua concepção, que é um tanto complexa, dependendo da teoria lingüística usada para abordá-lo. Ademais, ainda há uma diferença entre *errors* e *mistakes*. Segundo Corder (1967, apud FIGUEIREDO, 2002), os erros dados como *mistakes*, são os que resultam de lapsos de memória, de estados físicos como cansaço, e de condições psicológicas como fortes emoções. Corder (1967, apud FIGUEIREDO, 2002) também os chama de erros aleatórios de desempenho e observa que estes, não podem ser examinados como evidência de aquisição, por serem infinitamente variáveis. A proposta de Corder (1967, apud FIGUEIREDO, 2002) é que sejam analisados somente os *errors*, que são, segundo ele, erros sistemáticos de um indivíduo em processo de aprendizagem ou aquisição de uma nova língua. Por esta distinção ser bastante confusa, conforme os autores citados acima, *errors* e *mistakes* serão analisados conjuntamente, sem distinção, nesta pesquisa.

Nesta pesquisa, também é usada a concepção de erro de Bago (2002) por ter uma visão do erro diferente de outras metodologias mencionadas por Larsen-Freeman (2000). Na opinião de Bago (2002), a noção de 'erro' devia ser substituída pela 'tentativa de acerto', pois quando o aluno erra, não o faz na intenção de errar e sim de acertar. Assim, o erro é visto de uma perspectiva positiva. Baseada nesta concepção, que, na escola onde foi feita esta pesquisa, os alunos somente são corrigidos em alguns momentos da aula, para que não se sintam bloqueados e continuem produzindo, ou seja, 'tentando acertar', diferentemente da metodologia Audio-lingual, por exemplo, na qual o erro seria 'intolerável' (LARSEN-FREEMAN, 2000). Além disso, Krashen (1982) propõe que cada aluno possui um 'filtro afetivo', o qual seria como uma barreira imaginária que previne o aluno de usar o insumo que está disponível no ambiente. Então, a aprendizagem de um indivíduo depende do estado ou disposição dele, pois, este filtro limita o que é adquirido. Entretanto, as estratégias de correção adotadas pelo professor também podem contribuir para que essa barreira se forme. Portanto, tais estratégias deveriam ser usadas de maneira que os alunos não se bloqueiem com relação a língua inglesa.

Assim, seguindo Ellis (1998) e Bagno (2002), considera-se, pois, os erros como positivos, parte de um processo natural de desenvolvimento de qualquer tipo de aprendizagem, o que inclui a língua estrangeira.

A próxima parte deste artigo discutirá, resumidamente, sobre parte do trabalho de Figueiredo (2002), o qual fala sobre os tipos de erros existentes.

3. Os tipos de erros

A teoria que sustenta esta pesquisa é fruto de um estudo de mestrado feito por Figueiredo (2002). Entre outros resultados, o autor obteve a classificação de quatro categorias principais de erro, com inúmeras causas de cada categoria. Embora o estudo de Figueiredo tenha sido sobre erros escritos, entende-se que tais categorias podem ser aplicadas também aos erros orais, pois ambos são parte da produção do aluno no momento da aprendizagem. As categorias propostas por Figueiredo são: erros interlinguais, erros intralinguais, erros ambíguos e erros induzidos, e estão delineadas a seguir.

3.1. Erros interlinguais

Também chamados de erros de interferência ou de transferência, os erros interlinguais são aqueles que, de acordo com Dulay, Burt e Krashen (1982, apud. FIGUEIREDO, 2002), revelam a interferência da língua materna (L1) na produção da LE, sem serem considerados negativos. Alguns autores como Lott (1983, apud. FIGUEIREDO, 2002), Faerch e Kasper (1984, apud. FIGUEIREDO, 2002), nos mostram que os erros interlinguais têm como causa os processos seguintes: 1. extensão por analogia, ou seja, quando o aluno usa um vocábulo porque este se parece com vocábulos da língua materna, independentemente, se forem ortográficos, fonológicos, semânticos ou sintáticos; 2. não-distinção lexical na língua materna, em relação à segunda língua, que é o caso dos alunos que recorrem ao dicionário quando não conhecem o significado de uma palavra estrangeira; 3. não-distinção gramatical na língua materna em relação à LE, que é o caso do aluno que comete um erro porque não tem em sua língua materna uma distinção gramatical que existe na LE; 4. uso de

palavras portuguesas em sentenças de língua inglesa (*code-switching*); 5. emprego de formas estrangeiradas (*foreignizing*), ou seja, caso em que os alunos, como diz Figueiredo (2002, p. 69) ‘inglesam’, as palavras em português; 6. tradução literal, que é a tradução palavra por palavra do português para o inglês, o que segundo Figueiredo (2002, p. 70) “geralmente afeta a comunicação, pois, [...] elas não levam à construção de uma significação por parte do interlocutor”; 7. erros causados por transferência de estrutura, ou seja, o aluno pode se apoiar na estrutura sintática ou morfológica do português.

3.2. Erros intralinguais

Segundo Richards (1971, 1974. apud. FIGUEIREDO, 2002), os erros intralinguais resultam da aprendizagem de uma LE e não mostram a influência da língua materna do indivíduo. Tais tipos de erros se dividem em ‘desenvolvimentais’ e erros ‘únicos’.

Os autores Dulay, Burt e Krashen (1982, apud. FIGUEIREDO, 2002), classificaram erro desenvolvimental, os erros que são semelhantes aos produzidos por crianças que adquirem a língua-alvo como primeira língua. Omissão, adição, generalização, formas alternadas e ordem indevida de palavras, são as causas destes erros.

Assim como os desenvolvimentais, os erros únicos resultam de suposições sobre a língua-alvo, porém, não são produzidos por crianças que aprendem a língua inglesa como sua língua materna, mas sim, unicamente por aprendizes de LE. Erros deste tipo são explicados pelos seguintes processos: adição, omissão, formas alternadas e por aglomeração de palavras inglesas, que não possuem significação alguma.

3.3. Erros ambíguos

Os tipos de erros classificados por Figueiredo (2002) como ambíguos são aqueles que podem ser considerados interlinguais ou intralinguais, semelhantes aos cometidos por crianças que adquirem a língua inglesa como L1, desenvolvimentais.

Este tipo de erro pode ter as seguintes causas: omissão, adição, posicionamento indevido dos advérbios e locuções adverbiais, generalização e formas alternadas.

3.4. Erros induzidos

Os erros induzidos são os tipos de erros que ocorrem devido à forma como a LE é “apresentada ou praticada” (FIGUEIREDO, 2002. p. 96), portanto, não resultam da interferência da língua mãe, nem da aprendizagem da LE, mas da forma imprópria de ensiná-la.

4. Contexto e coleta de dados

As informações a serem relatadas são resultados da observação de um grupo de alunos de inglês de nível *Novice High*, matriculados no segundo livro de adolescentes de uma escola de idiomas localizada no interior do estado do Paraná. O grupo era formado por seis alunos (três meninas e três meninos), e suas idades variavam entre 10 a 12 anos. O material adotado é elaborado pela própria escola. Esta pesquisa foi feita com consentimento dos alunos e de seus pais, bem como do diretor da escola. A professora da turma era uma das autoras do artigo.

Para a realização da pesquisa, dez aulas foram assistidas no período de 02 de maio à 06 de junho de 2007, compreendendo dez lições do livro da escola, que foram da lição 21 à 30. As dez aulas, de uma hora cada, foram gravadas em áudio, totalizando 10 horas. Apenas 39 momentos em que ocorreram os erros foram transcritos, e para as transcrições foi seguido o modelo de Hatch (1992).

Para a análise dos dados, os erros encontrados foram categorizados de acordo com Figueiredo (2002).

A próxima seção mostra os resultados da análise, descrevendo os tipos de erros que os alunos cometeram.

5. Análise e discussão dos dados

Conforme comentado anteriormente, a análise dos resultados desta seção foi baseada nas categorias de erros classificadas por Figueiredo (2002), sendo que todas as categorias apareceram nos dados coletados. Tais categorias foram analisadas qualitativamente e estão descritas em sub-seções que seguem, com exemplos das aulas transcritas usados como ilustração.

5.1. Erros intralinguais

Como já definido, os erros intralinguais são aqueles resultantes da aprendizagem de uma língua-alvo que não refletem a influência da língua materna do indivíduo. Este erro se divide entre erros desenvolvimentais e erros únicos. Os desenvolvimentais foram os tipos de erros que mais ocorreram durante as aulas gravadas. Mais especificamente, o erro intralingual de caráter desenvolvimental, ocasionado devido à não-relação entre grafemas e fonemas da língua-alvo. Foram 110 ocorrências de erro nos 39 momentos transcritos. No episódio L25E2¹, a professora dá a frase em português e os alunos têm que traduzir para o inglês, assim temos o exemplo deste tipo de erro:

- 34. T: eu estava estudando?
- 35. Br: I was studying
- 36. T: era pra eu ligar pra ela+Au!
- 37. Au: I was supposed to call her /hiər/
- 38. T: TO+CALL?
- 39. Au: [call!
- 40. Br: [her!

Nesse episódio, podemos observar que o aluno pronuncia a palavra errada sem perceber, tipo de erro que podemos associar ao erro de uma criança em fase de desenvolvimento lingual, por isso, o erro de caráter desenvolvimental. A professora tenta corrigir a pronúncia diferente e o aluno pensa que o erro foi em outra palavra. É necessário que outro aluno fale a palavra para que ele perceba o erro. A não relação de fonemas e grafemas se dá devido ao fato de que o aluno pronuncia a palavra 'her' (dela, à ela, para ela) com o som de 'here' (aqui), erro que ocorreu várias vezes durante as transcrições. Entretanto, segundo Figueiredo (2002), este é um tipo de erro que não

¹ Nesta análise 'L' indica a 'Lição' e 'E' indica o 'Episódio'. Portanto, 'L25E2' indica 'Lição 25, Episódio 2'. Bem como, 'T' refere-se a professora, 'S' a aluno, 'Ss' a grupos de alunos. Para preservar a identidade dos alunos, foram usadas apenas as iniciais de seus nomes.

afeta significativamente a sentença por serem mais de ordem gramatical do que semântica, ou seja, segundo Ellis (1998) e Figueiredo (2002) um erro local.

Um outro subtipo de erro intralingual, desenvolvimental, encontrado foi formas alternadas, que são aqueles caracterizados pela alternância de membros de uma mesma classe. Em especial a alternância entre pronomes ‘me’ (me, mim, eu), ‘him’ (ele, para ele, à ele), ‘her’ (ela, à ela, para ela); ‘he’ (ele) e ‘she’ (ela); ‘you’ (você ou vocês) e ‘your’ (seu, sua, seus, suas). Esta causa do erro intralingual foi observada dezesseis vezes durante as aulas, um tipo de erro dos mais ocorridos. No exemplo L27E3, a alternância entre estes pronomes é observada abaixo:

109. T: eu estarei bem!
 110. Ss: I'll be fine
 111. T: eu estarei aqui se você precisar de mim
 112. Ss: I'll be here if you need me
 113. S1: [I'll be here + if your ((o aluno troca a palavra 'you' por 'your')) need me
 114. T: ã?
 115. Ss: I'll be here if you need me
 116. S1: [I'll be here+if your ((novamente o aluno troca a palavra 'you' por 'your')) need me
 117. T: YOU need me
 118. Br: you
 119. Ss: [YOU need me
 120. T: isso+saiu um YOUR need me+ali
 121. Br: EU
 122. T: [ok?

Outros dois subtipos de erros intralinguais, desenvolvimentais, que ocorreram foram os ocasionados por omissão e os erros ocasionados pela confusão entre termos lexicais parecidos, sendo que ambos apareceram duas vezes durante as transcrições. O primeiro ocasionado por omissão, como o nome já diz, ocorre quando o aprendiz da língua omite um elemento que deve aparecer em uma frase. Percebe-se no episódio abaixo (L26E1) que o aluno omite o verbo ‘to be’ (ser ou estar) da frase, tornando-a incompleta:

01. T: então aqui vocês vão colocar uma pessoa+((a professora mostra no livro)) e aqui no final vocês vão colocar uma pessoa+um fala em português e outro em inglês++mais do que+mais bonita do que+mais inteligente do que+mais extrovertido do que+dedicado para((...))
 02. Vi: Vi!+more beautiful than+é+mundo!
 03. Ss: (risos)
 04. Ca: Th!
 05. T: tá!+é Vi+IS+ok?
 06. Th: [uma vez cada um!

07. T: [senpre colocando o IS
(...)]
15. Vi: Vi+more+não+Vi is more beautiful THAN Br!

Já os erros ocasionados pela confusão entre termos lexicais parecidos, segundo Laufer (1990, apud. FIGUEIREDO, 2002), acontecem porque as palavras como ‘historic’ e ‘historical’ (exemplo do autor) ficam arquivadas em nossa mente em lugares muito próximos. É o que podemos verificar no exemplo L23E7, quando o aluno confunde a palavra ‘answer’ (resposta) com ‘anger’ (raiva):

324. T: Th!+ela é capaz de resolver todas as questões?
325. Th: [is she able to:
326. Ga: [(xx)]
327. Th: ai+ eu sempre me esqueço dessa palavra!
328. Vi: anger
329. T: to answer

Ainda, dois subtipos de erros intralinguais, desenvolvimentais, apareceram uma vez cada. Estes foram os erros intralinguais, desenvolvimentais, ocasionados por formas alternadas e os erros ocasionados por adição de marcador duplo de passado. Quanto aos erros intralinguais, desenvolvimentais, ocasionados por adição de marcador duplo de passado, o erro ocorre quando o aluno não percebe ou pensa estar correto usar um auxiliar no passado (e.g., *did*), juntamente com um verbo também no passado. No exemplo L21E4 (na linha 77), o aluno usa a estrutura que já está no passado e acrescenta, ainda, o verbo no passado, por pensar estar certo:

72. T: vamo lá então (xxx)+ela leva dez minutos para acordar. ((A professora falou no presente, mas quis dizer no passado, pois, apontava a estrutura do passado no quadro.))
73. Au: it takes to her ten minutes to wake up
74. Ss: it took her ten minutes to wake up
75. T: sorry+ela levou
76. Ss: it took her ten minutes to ((...))
77. Au: it took me ten minutes to [woke up
78. T: wake up++WAKE UP porque já tava o passado aqui+oh+it took
79. Au: mas não era o passado ali?
80. T: ++sim+mas o verbo fica no presente+porque você fala+TO wake up+sempre quando tem o TO antes do verbo você tem que dize ((...))
81. S1: [para acordar+ali+né?
82. T: é+para acordar++e se fosse para ACORDEI daí seria o TO WOKE UP
83. Ga: Hã+para acordei
84. T: daí+que tal+né?+ele levou dez minutos para tomar café?

No exemplo L23E7, podemos perceber o erro intralingual, desenvolvimental, ocasionado por formas alternadas. A professora dava o exemplo em português e o aluno traduzia para o inglês: “347. Au: are she able to study everything for the final test /testi/?” Logo no início da sentença percebemos que o aluno usa a forma do verbo ‘to be’ no plural (*are*) junto com a terceira pessoa do singular (*she*) o que ainda é um erro desenvolvimental, pois, o aluno não percebe ou não lembra da regra da LE, o que é natural quando se está aprendendo (Cf. FIGUEIREDO, 2002).

Um outro subtipo dos erro desenvolvimental, que apareceu somente uma vez foi a ordem indevida das palavras, que é ilustrado no exemplo L21E4, quando o aluno troca o lugar do ‘to’ da estrutura ‘it takes some one (time) to do something’ “73. Au: it takes to her ten minutes to wake up”.

Outra classificação de erros intralinguais, que ocorreram durante as transcrições também poucas vezes, foram os erros intralinguais de caráter único, que como já dito, são os erros ocasionados unicamente por aprendizes de LE. Um dos subtipos de erros únicos encontrados foram os erros intralinguais, únicos, ocasionados por formas alternadas, que ocorreram quatro vezes durante as transcrições, sendo que em duas dessas ocorrências, foi causada pela alternância de formas verbais. No exemplo L27E5, temos a ilustração:

173. T: [were you by yourself?+você estava sozinho?
 174. Ss: were you alone?
 175. T: você+ESTÁ+aqui?
 176. Br: were you (xxx)
 177. Au: [ARE you here?
 178. Ss: [were+are you here?
 179. T: opa!

No exemplo L30E2, identifica-se a alternância entre estruturas, erro que é típico ocorrer com estudantes iniciantes, segundo Ellis (1998):

34. T: eu levei+é:+desculpa+eu peguei um ônibus+é:+pra ir pra escola+porque minha mãe teve um problema com o carro+Ga!
 35. Ga: EU?+It took a bus to((...))+IT TOOK A BUS TO school+because my mom had a problem with the ((a aluna troca a palavra ‘her’ por ‘the’)) car
 36. T: acostumo com o IT TOOK+né?
 37. S1: [(xx)
 38. T: I TOOK+a bus to school+ok?+é:+eu cheguei ao trabalho às oito da manhã+Th

Outro subtipo de erro intralingual, único, que surgiu apenas uma vez durante as transcrições, foi o erro ocasionado por omissão. Esse erro foi causado pela omissão da partícula *-ing*, por uma aluna, numa sentença da L25E3: “114. Ca: I wasn’t talk to her”.

Um outro subtipo de erro intralingual de caráter único foi a adição do artigo definido ‘the’ (a, o, as, os). Apesar de esse erro aparecer somente uma vez durante as transcrições, ele também não é significativo, pois, segundo Figueiredo (2002), este tipo de erro não compromete a significação da frase, portanto afeta pouco a comunicação. É o que ilustra o exemplo L23E7 a seguir:

309. T: MUITO+bem!+ela é capaz+ele é capaz de completar o teste em tempo: ?+Ga
 310. S1: [(xxx)
 311. Ga: is he able to complete the test on (the) ((aluna acrescenta uma palavra a mais, mas a professora não corrige)) time?
 312. T: Br!+ ela é capaz de se matricular no curso?

5.2. Interlinguais

Os erros interlinguais não apareceram tanto quanto o intralingual, porém, segundo Figueiredo (2002) são significativos, uma vez que aqueles tipos de erros refletem a interferência da língua materna na produção da LE, como já mencionado acima. Foram detectados três subtipos de erros interlinguais nos dados analisados. Em primeiro lugar, os erros ocasionados por extensão, por analogia, mais especificamente, com apoio no sistema gráfico, que é quando o aluno compartilha traços da L1 com os da LE. Vejamos novamente o exemplo L23E7, já mencionado acima, quando o aluno ‘Au’ diz: are she able to study everything for the final test /testi/?” No final da sentença o aluno pronuncia ‘test’ (teste) como se tivesse o fonema final /i/, ocasionando portanto uma epêntese. Segundo Figueiredo (2002), isso se dá porque no português não temos consoantes finais mudas e assim, conforme sugere Abrahamsom (1997, apud HAGEMEYER et al, 2007), o aprendiz da inglês-LE usa esta estratégia para adaptar sílabas difíceis de serem pronunciadas. Esse foi um exemplo num total de oito erros desse subtipo.

Em segundo lugar, os erros interlinguais ocasionados por semelhança fonológica, que teve quatro ocorrências de erros durante as transcrições. No exemplo L30E3, o tipo que ocorre é um erro interlingual, por semelhança fonológica com a

língua materna, pois o aluno pronunciou ‘fluently’ com a ênfase (sílabas tônicas) mais parecida com o português:

63. S1: EU?
 64. T: Ca!
 65. Ca: it'll take me a year + and a half to speak English fluently /flu'ently/
 66. T: fluently+FLUENTLY+(xxx)+FLUENTLY
 67. Ss: FLUENTLY
 68. T: FLUENTLY+FLUENTLY+(risos) nossa+parece louca

E em terceiro lugar houve o uso de palavras portuguesas em sentenças de língua inglesa (*code-switching*), recurso que foi utilizado duas vezes pelos alunos. Segundo Figueiredo (2002, p. 105), o *code-switching* também não causa “irritação” em um nativo. Este subtipo de erro é observado no trecho L29E3:

162. T: eu posso adverti-lo sobre os pecados+mas eu não posso fazê-lo moral
 163. Ss: I can warn you about sins+but I cannot make you moral
 164. S1: [I can warn you about sins+but I cannot make you moral
 165. S2: + you moral ((fala a palavra ‘moral’ em Português))
 167. T: MORAL
 168. Ss: MORAL

5.3. Erros ambíguos

O erro ambíguo, como já mencionado, é o tipo de erro que pode ser considerado interlingual ou intralingual. Este tipo apareceu somente uma vez nas aulas transcritas, ocasionado por formas alternadas, mas nem por isso deixa de ser importante. Apesar de Figueiredo (2002) não ter dado um exemplo parecido, esta é a classificação do autor que mais se encaixa com o erro observado na L28E2, à seguir:

114. T: muito bem!+você não pode se perder+you can miss it!
 ((...))
 116. Ss: will ((alunos trocam a pronúncia de ‘you’ por ‘will’)) can’t miss it
 117. T: yes+YOU can’t miss it!
 118. Ss: YOU CAN’T MISS IT!
 119. T: vire a direita+turn right

5.4. Erros induzidos

Os erros induzidos (*transfer of training*), ou seja, erros ocasionados pela maneira como a LE é apresentada ou praticada, foram observados quatro vezes durante as

transcrições. O exemplo L24E6 abaixo ilustra o erro induzido pela professora, que ao falar que os alunos deviam usar ‘is more’ (é mais) na sentença, fez com que os alunos entendessem errado, como segue:

391. T: ali nós temos+more and than+eu vou fazer uma frase e vocês traduzem pra mim
 (...))
 394. T: o+Au+é mais bonito que o Gianecchini
 (...))
 398. Ss: [Au more beautiful(...))
 399. T: IS MORE?+Au+[vamo novamente lá
 400. Ss: (xxxxx)
 401. T: is more(...))
 402. Au: (xxx)?
 403. Ss: is more Au beautiful than
 404. T: ((risos)) não gente+agora vocês trocaram+vamo de novo
 405. Ss: ((risos))
 406. Ga: ah+ entendi
 407. T: Au
 408. Ss: Au
 409. T: is more
 410. Ca: como é que é [é em inglês]?
 411. Au: [beautiful
 412. Ca: is MORE!
 413. T: é IS+então+Aur+É+IS
 414. Ss: [Au is more
 415. Ca: [MAIS
 416. T: bonito
 417. Ss: beautiful
 418. T: ou?
 419. Ss: ++
 420. T: handsome
 421. Vi: Au is more beautiful
 422. T: do que o Gianecchini
 423. Ss: than Gianecchini

6. Considerações finais

Este artigo reportou os resultados de uma pesquisa que investigou os tipos de erros orais que alguns alunos de nível *Novice High* mais cometiam. Embora este estudo tenha se limitado a observar apenas seis alunos de inglês-LE, os resultados permitiram a análise das quatro categorizas de erros principais e pelo menos dezessete subtipos de erros orais, conforme classificados por Figueiredo (2002).

A partir da análise dos dados, foi possível concluir que dos 154 erros identificados, em 39 momentos transcritos, os erros que mais apareceram foram os intralinguais, ocasionados por seis subtipos de erros diferentes, totalizando 133 erros

desenvolvimentais e 5 erros únicos. Os erros interlinguais apareceram quatorze vezes, sendo que doze dos erros foram ocasionados por extensão por analogia, e dois por foram ocasionados por *code-switching*. Os erros ambíguos foram os que menos surgiram – somente uma vez, ocasionados por formas alternadas. E finalmente os erros induzidos apareceram quatro vezes durante as transcrições. Em duas das situações a indução do erro pela professora poderia ser descartada, já que em uma das vezes foi causada porque a apostila apresentava a forma errada, e em outra situação, o erro foi ocasionado porque a professora estava com um problema na voz. Mesmo assim, houve o erro, e isto indica que a professora talvez deva tomar mais cuidado com o modo de apresentar a LE aos seus alunos.

Por fim, comentaremos sobre os resultados deste trabalho que podem ter implicações para a prática pedagógica. Ao fazer este artigo, foi possível refletir sobre a importância de um simples erro que nosso aluno produz durante seu aprendizado, passando a ver o erro de uma maneira positiva, ou como foi dito anteriormente, “uma tentativa de acerto”. Isto pode fazer com que cada vez mais os alunos sintam-se motivados e não bloqueados para aprender a nova língua. A professora dos alunos pesquisados pôde ficar mais atenta aos erros — estágio importante da aprendizagem — que seus alunos cometiam e tornar-se consciente de seus próprios erros durante a prática pedagógica. Além disso, foi possível descobrir os erros, saber quais afetam na comunicação dos alunos, bem como os que não afetam. Um exemplo disso foi a descoberta do chamado ‘erro induzido’ que são os erros que os alunos cometem porque, em dado momento, a professora falou uma certa frase, ou ensinou de certa maneira, sem pensar se seu aluno entenderia realmente o que estava sendo ensinado. Ao notar este tipo de erro, os professores de LE podem refletir sobre suas práticas pedagógicas, para saber se induzem o erro do aluno ou não.

Referências bibliográficas

- BAGNO, M. *Preconceito Lingüístico: o que é, como se faz*. 14 ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.
- BROWN, H. D. *Teaching by Principles – An interactive approach to language pedagogy*. USA: Prentice Hall Regents, 1994.
- ELLIS, R. *Second Language Acquisition*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- FIGUEIREDO, F. Q. de. *Aprendendo com os erros: Uma perspectiva comunicativa de ensino de Línguas*. 2. ed. Goiânia: UFG, 2002.

HAGEMEYER, C. A. P.; CARVALHO, R. C. M. e MORISAWA, S. J. *The production of initial /s/ Clusters by Brazilian Learners*. In: III Sell-Uni (Simpósio de Estudos Lingüísticos e Literários da UNICENTRO, 7. Guarapuava: UNICENTRO, 1-241, nov. 2007. Anais... p. 85-95.

HATCH, E. *Discourse and language education*. London: Cambridge University Press, 1992.

KRASHEN, Stephen. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. New York: Pergamon, 1982.

LARSEN-FREEMAN, D. *Techniques and Principles in Language Teaching*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.

Domínios de Linguagem